

FORMAS DE TRATAMENTO EM TRADUÇÕES DE “THE ADVENTURES OF TOM SAWYER”: RELAÇÕES SOCIAIS E AFETIVAS

FORMS OF ADDRESS IN TRANSLATIONS OF “THE ADVENTURES OF TOM SAWYER” INTO PORTUGUESE: SOCIAL AND AFFECTIVE RELATIONS

FORMAS DE TRATAMIENTO EN TRADUCCIONES DE “THE ADVENTURES OF TOM SAWYER”: RELACIONES SOCIALES Y AFECTIVAS

*Giselle Olivia Mantovani DAL CORNO**

*Fernanda Bondam SOPPELSA***

Resumo: Mark Twain, renomado autor realista, conhecido pelo seu estilo coloquial e pelo *local colorism*, representa com maestria a modalidade oral regional da língua inglesa na fala dos personagens do romance “The adventures of Tom Sawyer” (“As aventuras de Tom Sawyer”). As formas de tratamento empregadas pelos personagens principais ajudam a construir uma representação de como as relações sociais são marcadas na obra. A partir da análise de alguns diálogos do texto original em inglês e de suas respectivas traduções, observa-se não somente as marcas de oralidade, mas também como as escolhas lexicais para formas de tratamento podem revelar diferentes graus de afetividade e hierarquia social. Verificam-se alguns casos de perdas nas traduções brasileiras em relação ao uso das formas de tratamento, como também, em uma das traduções, um processo de domesticação, nos moldes de Venutti (1998).

Palavras-chave: Formas de tratamento; Relações sociais e afetivas; “As aventuras de Tom Sawyer”; Tradução; Domesticação.

Abstract: Mark Twain is a renowned realist author, known by his colloquial style and local colorism. In the novel “The adventures of Tom Sawyer”, he manages to depict oral regional language in the lines of his characters. Address forms used by characters contribute to the representation of social relations in the book. From the analysis of a

* Professora do Programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, da Universidade de Caxias do Sul (UCS) – Caxias do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil. Coordenadora do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Anpoll (biênio 2014-2016). Contato: gomdcorn@ucs.br.

** Mestranda em Letras, Cultura e Regionalidade, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) – Caxias do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil.. Bolsista da FAPERGS. Contato: fbsoppelsa@ucs.br

few dialogs in the original text in English and their translations into Portuguese, this paper will discuss not only oral language indexes but also the ways how the choice of lexical items for addressing reveal different degrees of affectivity and social hierarchy. Some cases of loss in translation are registered as well as one case of domestication, in the terms of Venutti (1998).

Keywords: Address forms; Social and affective relations; “The adventures of Tom Sawyer”; Translation; Domestication.

Resumen: Mark Twain es un reconocido autor realista, conocido por su estilo coloquial y colorismo local. En la novela “Las aventuras de Tom Sawyer”, él logra representar el lenguaje regional oral en el habla de sus personajes. Las formas de tratamiento utilizadas por personajes contribuyen para la representación de las relaciones sociales en el libro. A partir del análisis de algunos diálogos en el texto original en inglés y sus traducciones al portugués, este artículo discutirá no sólo los índices de lenguaje oral, sino también las formas como la elección de los elementos léxicos usados para que una persona se dirija a otra revelan distintos grados de afectividad y de jerarquía social. Algunos casos de pérdida en la traducción se registran, así como uno caso de domesticación, en los términos de Venutti (1998).

Palabras clave: Formas de tratamento; Relaciones sociales y afectivas; “Las aventuras de Tom Sawyer”; Traducción; Domesticación.

Introdução

A língua faz parte de cada um de nós como indivíduos e é por meio dela que expomos nossa forma de pensar e nossa visão de mundo. Em seus aspectos verbais e não-verbais, a língua incorpora a realidade cultural. De acordo com Kramsch (1998, p. 76), “a língua é o mais sensível indicador da relação entre um indivíduo e um dado grupo social”¹. A autora destaca que falantes são identificados e se autoidentificam como membros de uma determinada comunidade de fala e de discurso por aspectos como língua, sotaque e vocabulário, e afirma que usar a mesma língua que o grupo a que pertencem, além de força e orgulho pessoal, lhes dá um sentimento de importância social e continuidade histórica (cf. 1998, p. 65-66).

Analisar a literatura de um determinado povo é também estudar a representação da sua cultura e a formação de suas identidades

¹ Do original em inglês: “language is *the* most sensitive indicator of the relationship between an individual and a given social group” (1998, p. 76, grifo do autor). Esta e as demais traduções de textos em inglês neste artigo são de nossa responsabilidade.

culturais. “The adventures of Tom Sawyer”, romance que serve de base para a análise aqui apresentada, é um exemplo excepcional dessa possibilidade de conhecer aspectos relevantes de um grupo social.

Publicado em 1876, “The adventures of Tom Sawyer” (traduzido como “As aventuras de Tom Sawyer”) é um romance do escritor norte-americano Mark Twain – pseudônimo de Samuel Langhorne Clemens –, famoso por suas obras que apresentam características regionalistas com matizes da cor local (*local color*). O personagem que dá título ao romance é um menino órfão, muito travesso, que vive com sua tia Polly, seu meio irmão Sid e a prima Mary em uma pacata cidade do centro-oeste dos Estados Unidos, numa época imediatamente anterior à Guerra Civil. Tia Polly tem um escravo, Jim, que muitas vezes acoberta as travessuras de Tom, compartilhadas com outros meninos da mesma idade. Uma das características mais marcantes da narrativa é o fato de Twain buscar uma aproximação ao inglês vernacular da época, com diálogos que tentam reproduzir marcas da oralidade. Essa verossimilhança se verifica também na forma como os personagens se dirigem ou fazem referência uns aos outros nos diálogos travados.

Neste artigo, procuramos verificar como as formas de tratamento empregadas podem indicar relações sociais e afetivas entre os personagens e revelar os níveis hierárquicos próprios da sociedade descrita. Selecionando três personagens como foco, iniciamos a análise pela obra original em inglês, para depois comparar com três traduções para a língua portuguesa (1934, 2000 e 2002). Procuramos, então, verificar de que forma as escolhas tradutórias feitas mantêm ou não as informações sobre a sociedade como representada pelo autor, bem como observar nas traduções traços de domesticação ou estrangeirização, conceitos de Venutti (1998).

1 Formas de tratamento como marcas das relações entre membros de um grupo social

A “Gramática Houaiss da Língua Portuguesa” nos diz que formas de tratamento são expressões através das quais “uma pessoa pode dirigir-se a seu interlocutor de diversas maneiras segundo a imagem que faz da relação social ou afetiva que os liga no momento em que acontece a interação” (AZEREDO, 2011, p. 264).

A influência de aspectos como hierarquia, *status* social, relações afetivas na comunicação interpessoal tem sido analisada desde os primeiros estudos linguísticos, psicológicos e sociológicos feitos, em meados do século XX, sobre formas de tratamento e referência em língua inglesa. Citaremos aqui, pela pertinência, a contribuição dada por três desses estudos.

Brown e Ford (1961) conduziram pesquisas com *corpora* constituídos por relatos, gravações de fala e diálogos em peças teatrais. Em seu artigo, os autores corroboram a ideia de que a relação entre os interlocutores rege a escolha das formas linguísticas usadas para tratamento e referência, e essa escolha não é previsível somente a partir de características do falante ou daquele a quem ele se dirige, mas sim de propriedades da díade (cf. p. 375). As duas formas de referência básicas no inglês americano, a saber, o uso do primeiro nome (em cuja categoria se incluem nomes abreviados ou diminutivos) ou o uso de um título (axiônimo) com o sobrenome, combinam-se binariamente nas interações levando-se em conta ainda duas dimensões da relação social: o grau de intimidade (a dimensão horizontal) e o *status* que subjaz o padrão de não reciprocidade (a dimensão vertical) (1961, p. 377). As relações de parentesco, mesmo que se verifiquem em díades, são em número bem mais restrito se comparadas aos muitos outros tipos de relações possíveis. Citando Schneider e Romans (1955), os autores lembram que, nas relações de parentesco, que são não recíprocas, membros da geração descendente (filhos, netos, sobrinhos) usam títulos de parentesco para referir-se aos membros da geração ascendente (pai, mãe, avô, tio), mas são tratados pelo primeiro nome ou por apelidos. Padrões de não reciprocidade ainda envolvem idade e *status* profissional (cf. 1961, p. 377-378).

Num estudo de cunho sociopragmático realizado a partir de cartas, Nevala (2004) analisa de que modo fatores como poder relativo e distância social influenciavam o emprego de formas de tratamento e referência na sociedade altamente estratificada da Inglaterra no período renascentista, baseada no “reconhecimento da desigualdade”, que, segundo a autora, se refletia em todos os aspectos da vida (2004, p. 2126-2127). Naquela sociedade, a identidade de uma pessoa era indissociável de seu nível e grau, reconhecidos de maneira mais óbvia pelo uso de formas de tratamento.

Holtgraves observou que o *status* em inglês é marcado por formas de tratamento (*address*), enquanto outras línguas gramaticalizam o *status*, como, por exemplo, nos verbos (cf. 2002, p. 172). Essa constatação é significativa se pensarmos, em termos comparativos, sobre o português: dirigir-se a alguém pelo uso dos pronomes de tratamento *tu*, *você*, *vocês* ou *o senhor/a senhora* faz diferença e o emprego da forma verbal correspondente é esperado; em inglês, todas essas formas são cobertas por *you* e o verbo permanece inalterado.

2 Formas de tratamento: da realidade à ficção

O enredo da obra escolhida para análise neste artigo se passa na primeira metade do século XIX, nos Estados Unidos. Evidentemente, não se encontram registros em áudio ou vídeo de como se dava a língua oral daquela época. Por isso, textos literários são muitas vezes usados como *corpora* para representar variedades da modalidade oral da língua em determinada época e local. Como diz Preti (2004, p. 117), “em todos os momentos da literatura, encontramos autores que se deixaram influenciar pela oralidade, levando para a escrita variantes que deveriam ter sido comuns em seu tempo”, e, como consequência, não só o narrador como também os “personagens tomaram o lugar de falantes reais, reproduzindo natural ou intencionalmente, a realidade linguística.”

Preti (2004, p. 120) assinala que a literatura começou a valorizar política e socialmente as classes mais populares com a “prosa de costumes” dos românticos, realistas e naturalistas, mesclando a narrativa com “uma descrição mais cuidadosa dos hábitos linguísticos dessas classes” e “caracterizando com maior realidade os diálogos de ficção” (2004, p. 118), o que Mark Twain conseguiu realizar com maestria.

Nos diálogos verificados entre os principais personagens de “As Aventuras de Tom Sawyer”, as relações sociais e afetivas entre os interlocutores são manifestadas por meio de lexias correspondentes a formas de tratamento. Compreender como se organiza essa sociedade é fundamental para poder analisar as formas de tratamento empregadas.

A cidade ficcional de St. Petersburg, onde se passa a trama, foi inspirada em Hannibal, Missouri, onde Twain passou sua infância, uma

sociedade estratificada muito em função da escravidão. Dividida entre a corrente separatista e escravocrata e a antiescravagista durante a Guerra da Secessão (1861-1865), essa sociedade era organizada nos moldes do sul *antebellum*, e, assim, “política, cultural, econômica e espiritualmente construída em torno da instituição da escravidão”, sobre a qual a “rigorosa hierarquia sulista se baseava” (MULLIGAN, 2012, p. 1). No topo da escala, homens brancos donos de escravos; na base, as mulheres negras escravas. Mulligan lembra ainda que ter escravos era uma forma de elevar o *status* tanto de homens quanto de mulheres, “dando às mulheres brancas mais poder dentro do sistema escravocrata” (2012, p. 1).

Esse pano de fundo é importante para compreender a personagem Aunt Polly (tia Polly), responsável pela educação dos três sobrinhos e pela condução da casa. A posse de um escravo, Jim, não só proporciona ajuda nas tarefas domésticas, mas também aumenta sua autoridade e respeitabilidade, com um “sentido ampliado de poder em casa e na sociedade sulista”, nas palavras de Mulligan (2002, p. 2).

São relativamente poucas as situações em que os personagens se dirigem a outros de nível hierárquico superior com o uso de formas de tratamento. Basicamente, temos nessa posição o Juiz Thatcher, que está numa relação de superioridade para com todos os habitantes da cidade. Todos se dirigem a ele usando o título *Judge* (=Juiz), acompanhado ou não do sobrenome, e pelo axiônimo *sir*, traduzido simplesmente como *senhor*. Apenas na situação mais formal do julgamento é empregada a forma *Your Honor*, que corresponde a *Meritíssimo* em português. Essas formas não serão objeto de nossa análise, e tampouco as formas de tratamento ou referência empregadas entre as crianças, já que, por estarem no mesmo nível hierárquico, não apresentam variação significativa nas escolhas feitas pelo autor. Vale registrar que Tom só é chamado pelo nome pleno *Thomas* se estiver sendo repreendido; nos demais casos, a forma abreviada *Tom* é usada por todos para referência a ele. Nosso foco recairá sobre as formas de tratamento empregadas entre personagens de níveis hierárquicos diferentes, por serem mais significativas para expor valores da sociedade em que se passa a trama. Observaremos, assim, as formas de

tratamento e referência empregadas de Tom para com Tia Polly; do escravo Jim para com Tom e do escravo Jim para com Tia Polly².

2.1 Formas de tratamento de Tom para com tia Polly

A relação de parentesco tia-sobrinho é não recíproca em termos de emprego de formas de tratamento. Nos diálogos com tia Polly, Tom geralmente se dirige a ela usando a forma *Aunt* (= tia), acompanhada ou não do primeiro nome. A grafia em inglês é sempre com inicial maiúscula, o que reforça a diferença de *status* ou hierarquia inerente à relação. No entanto, por ser usado exatamente o substantivo que exprime essa relação de parentesco, consideramos essa forma, em termos de afeto, neutra. Vários exemplos são observados ao longo do texto, e citaremos apenas alguns para ilustrar.

I don't know, Aunt. (Cap. I, p. 7)

Look behind you, Aunt! (Cap. I, p. 8)

Pela descrição da sociedade apresentada acima, pode-se compreender por que tia Polly está em posição hierárquica superior em relação aos sobrinhos. Isso faz com que, para marcar o respeito em relação à tia, em algumas respostas a perguntas Tom acrescente a forma de tratamento ‘*m*’, uma forma contraída de *ma’m*, que por sua vez é uma contração de *madam*, ambos usados como uma forma respeitosa de se dirigir a uma senhora, especialmente por parte de homens jovens (cf. BROWN e FORD, 1961, p. 378). É importante ainda registrar que ‘*m*’ é uma marca de oralidade.

Emoção e afeto são registrados no emprego da lexia *Auntie*, forma diminutiva ou carinhosa de *Aunt*, que corresponderia basicamente a *titia*. Verifica-se esse emprego em dois tipos de situação: a) quando Tom, em posição desfavorável, com medo ou receio, dirige-se à tia em súplica; ou b) quando Tom procura expressar seu carinho à tia. Ambas as situações são exemplificadas a seguir.

a) Oh, please, Auntie, don’t pull it out! (Cap. VI, p. 44, quando tia Polly ameaça arrancar-lhe o dente que está doendo)

² Os exemplos em língua inglesa citados são retirados da edição de 1994 da série editora Penguin, cujas referências completas encontram-se ao final.

b) Why, yes, I did, Auntie – certain sure. (Cap. XX, p. 130, quando Tom, arrependido da fuga, confessa à tia que a beijou porque a ama)

Segundo Brown e Ford (1961), esse emprego poderia ser justificado pelo fato de que a pessoa de *status* inferior (neste caso, Tom) teria mais motivo para propor intimidade e, assim, usaria uma forma de tratamento que indica maior proximidade.

2.2 Formas de referência de Jim para com tia Polly

Nesta obra, não temos a reprodução de diálogos entre Jim e tia Polly, mas o escravo se refere a ela conversando com outros personagens, como no exemplo a seguir:

But, Ma'rs Tom, I's powerful 'fraid ole missis. (Cap. II, p. 16)

A forma *missis* é uma variante de *mistress*, usada para referir uma mulher com poder e ascendência sobre empregados e serviçais. Já *ole* é uma corruptela de *old* (=velha), novamente numa tentativa de reprodução da oralidade. O emprego das duas formas combinadas marca duplamente a hierarquia superior de tia Polly, indicando o reconhecimento do respeito devido à senhora tanto pela idade quanto pela posse do escravo.

2.3 Formas de tratamento de Jim para com Tom

Mesmo sendo Tia Polly a dona do escravo, Jim refere-se ao sobrinho com marca de respeito pela hierarquia ao usar a forma *Ma'rs Tom*, em que *Ma'rs* procura reproduzir na escrita a pronúncia regional de *Master* (=amo, senhor), neste caso indicando a posição inferior do escravo em relação a Tom.

Can't, Ma'rs Tom. (Cap. II, p.15)

3 Escolhas lexicais para formas de tratamento e referência em traduções para o português

No âmbito dos estudos da tradução, muito se tem dito sobre a importância e, ao mesmo tempo, a dificuldade de se traduzir de modo a manter representações culturais. Venuti (1998, p. 174) afirma que a tradução “tem o enorme poder de construir representações de culturas estrangeiras.” Eco (2011, p. 180) afirma que “uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas, duas enciclopédias.” Assim, para que essa representação ocorra a cultura deve ser interpretada. Não obstante, duas línguas nunca serão suficientemente iguais para serem consideradas representativas de uma mesma realidade cultural. Como consequência, podem-se observar duas atitudes tradutórias distintas: ou o tradutor opta por adaptar a tradução à realidade cultural do país de recepção ou por caracterizar o texto traduzido de tal modo que leve o leitor à cultura do autor. Essas duas atitudes correspondem, respectivamente, aos conceitos de domesticação e de estrangeirização de Venuti (1998). Ainda associada à domesticação, Venuti (cf. 1998, p. 174) discute a noção de *invisibilidade* do tradutor, que usaria de estratégias voltadas para o apagamento das especificidades culturais e linguísticas de um texto fonte, com o propósito de aproximá-las à estética dominante e aos valores políticos e ideológicos da língua alvo e, assim, promover a ilusão de que o texto traduzido reproduz com precisão o significado do texto original.

A fim de observar de que forma a sociedade e a cultura retratadas na obra original são representadas nas traduções do romance para a língua portuguesa, comparamos a tradução das formas de tratamento e referência dos exemplos destacados como realizadas por três tradutores diferentes, verificando os sentidos das lexis empregadas no “Novo Aurélio Século XXI” (FERREIRA, 1999), doravante aqui referido como “Aurélio”, e no “Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa” (HOUAISS; VILLAR, 2002), doravante aqui referido como “Houaiss”.

A tradução “As aventuras de Tom Sawyer” de Monteiro Lobato, de 1934, foi a primeira feita para a língua portuguesa e publicada no Brasil. Em quase uma década de atuação como tradutor, Lobato disponibilizou ao público leitor brasileiro dezenas de obras da

literatura ocidental, tanto para o público adulto quanto infanto-juvenil. Sua bem conhecida posição nacionalista se refletiu em suas publicações. Para este artigo, tomamos a edição da Abril Cultural (coleção “Clássicos da Literatura Juvenil”) de 1972, que será referida como T-1. A segunda tradução escolhida para a comparação foi feita pelo tradutor e poeta William Lagos para a coleção L&PM *Pocket*, em 2002, e será referida como T-2. A terceira tradução escolhida foi a (controversa) edição da editora Martin Claret, de 2000, feita por Jean Melville³, da coleção “*A obra prima de cada autor*”, e será referida como T-3.

3.1 Escolhas lexicais e estratégias tradutórias nas formas de tratamento de Tom para com tia Polly em português

Uma primeira distinção perceptível nas três traduções é que as formas empregadas para equivaler a *Aunt* não vêm com inicial maiúscula. Assim mesmo, a relação não recíproca tia-sobrinho é mantida. A escolha pelo substantivo que refere de forma neutra a relação de parentesco, *tia*, não é a preferida pelos tradutores, a menos que acompanhado do nome Polly. Somente a T-1 reproduz em alguns casos essa correspondência entre *Aunt* e *tia*, como vemos no exemplo a seguir:

Tia, por que não faz o mesmo a Sid? (Cap. III, p. 28, quando é pego roubando açúcar e a tia lhe bate nos dedos)

Pode-se advogar nesse caso a invisibilidade do tradutor. Entretanto, nesse mesmo diálogo, os outros dois tradutores optam por traduzir *Aunt* como *titia*, que o “Aurélio” traz como uma variante informal familiar, o que se repete na maioria dos demais casos, por parte dos três tradutores, independentemente da especificidade da situação. A variante *titia* é empregada em T-1 e T-3, inclusive, no lugar de ‘*m*’, em que, mais do que afetividade, o texto original marca a relação hierárquica de superioridade da tia. A T-2 traz *siora*, uma corruptela de *senhora*, marcando tanto a diferença de *status* quanto a oralidade. Nos diálogos ocorridos em situações de maior emotividade,

³ Nosso objetivo aqui é analisar o texto publicado, não discutir questões editoriais, já amplamente debatidas em outros fóruns, como o blog da tradutora Denise Bottmann disponível em: <www.naogostodeplagio.blogspot.com.br>.

já descritos em 2.1, observa-se que a marca afetiva aparece no original em inglês na lexia *Auntie*. No entanto, como a maioria das traduções optou pelo uso quase que indiscriminado de *titia*, inclusive em contextos neutros, pode-se considerar que o resultado é uma relativa perda na tradução, já que a afetividade não é realçada nos mesmos casos em que o inglês a marca.

O quadro 1 a seguir apresenta de forma comparativa os exemplos comentados (o número romano indica o capítulo e o arábico, a página em que ocorrem).

Original	T-1	T-2	T-3
I don't know, Aunt. (I-7)	Não sei, titia. (I-10)	Eu não sei, titia. (I-8)	Não sei, titia. (I-16)
Look behind you, Aunt! (I-8)	Olhe atrás, titia! (I-10)	Olhe para trás, titia! (I-8)	Olhe para trás, titia! (I-16)
Yes, 'm. (I-9)	Sim, titia. (I-11)	Sim, “siora”. (I-10)	Sim, senhora. (I-17)
No, 'm. (I-9)	Não, titia... (I-11)	Não, “siora”. (I-10)	Não, titia... (I-17)
Aunt, you don't whack Sid when he takes it. (III-23)	Tia, por que não faz o mesmo a Sid? (III-28)	Ai, titia, você não bate nos dedos de Sid quando ele pega açúcar!...(III-28)	Por que não faz o mesmo ao Sid, quando ele rouba açúcar, titia? (III-29)
Oh, please, Auntie, don't pull it out [...]. (VI-45)	Oh, por favor, não o arranque, titia! (VI-52)	Oh, por favor, titia, não arranque meu dente!... (VI-58)	Não, tia Polly, não tire. [...] Não, titia... (VI-48)
Why, yes, I did, Auntie – certain sure. (XX, p. 130)		Ora, mas é claro que eu fiz, titia. Garantido. (XX, p. 171)	Tenho, sim, titia, certeza absoluta. (XX, p. 124)

Quadro 1 - Diálogos com formas de tratamento: Tom para com Tia Polly.

3.2 Escolhas lexicais e estratégias tradutórias nas formas de referência de Jim a tia Polly e de tratamento de Jim para com Tom

As poucas falas de Jim ao longo do romance revelam também nas traduções o reconhecimento de que tia Polly se encontra em um nível hierárquico superior a ele. *Ole missis* é traduzido na T-1 como *Sinhá*, forma de tratamento usada pelos escravos brasileiros para se dirigirem à figura feminina correspondente ao senhor, conforme o “Aurélio” e o “Houaiss”. Nas duas traduções mais recentes, tem-se o apagamento dessa marca de servidão característica da relação entre o escravo e seu senhor. Na T-2, o tradutor optou por usar *dona veia*, numa associação do sentido do axiônimo *dona*, empregado diante do nome próprio de senhoras, e *sinhá-velha*, que era a forma de tratamento que os escravos usavam para senhoras idosas. Já o terceiro tradutor optou por *senhora*, expressando mais formalmente a hierarquia de Tia Polly sobre ele, mas não necessariamente a relação senhor-escravo (ver quadro 2).

Original	T-1	T-2	T-3
Ole missis tole me I got to go an' git dis water. (II- 15)	Sinhá me mandou carregar água. (II-19)	A dona véia ela me disse que eu tinha de ir buscar a água duma veiz só [...] (II-18)	A senhora disse pra eu ir buscar esta água [...] (II- 23)
But, Ma'rs Tom, I's powerful 'fraid ole missis. (II- 16)	Mas olhe, Sinhôzinho, que estou com medo da velha. (II-19)	Só que tem, seu Tom, que eu tenho uma medunça das braba da dona véia... (II-19)	Mas, Tom, eu tenho medo dela. (II-23)

Quadro 2 – Diálogos com formas de referência: Jim para com Tia Polly.

Essa mesma submissão aparece na forma através da qual Jim se refere a Tom. A T-1 apresenta, para equivaler a *Ma'rs Tom* do original, a forma *Sinhozinho*; modo de um escravo se referir ao filho do senhor (cf. FERREIRA, 2010; HOUAISS e VILLAR, 2004). Já na T-2, o sujeito é traduzido como *Seu Tom*. A forma substantiva *Seu*

equivale ao axiônimo *Senhor*, que é uma marca de respeito, mas apaga completamente a relação senhor-escravo. Esse apagamento é maior ainda na T-3, em que o tradutor sequer usa um axiônimo, com o personagem Jim referindo-se ao interlocutor apenas pelo primeiro nome na forma reduzida, Tom, indicando proximidade e reciprocidade. Perde-se, assim, toda a informação cultural sobre a relação de hierarquia entre os escravos e os senhores que a obra original se empenha em reafirmar. Observe-se o exemplo no quadro 3 abaixo.

Original	T-1	T-2	T-3
Oh, I dasn't, Ma'rs Tom. (II-15)	Cadê coragem, Sinhôzinho? (II-19)	Ai, eu num tenho corage, seu Tom. (II-18)	Não posso, Tom. (II-23)

Quadro 3 – Diálogos com forma de tratamento: Jim para com Tom.

Considerações finais

A afirmação de que a “tradução é uma inevitável domesticação” (VENUTI, 1998, p. 174) parece encontrar eco nas traduções que Lobato faz dos diálogos em que Jim, o escravo, se refere a tia Polly. Em uma tradução deve-se levar em conta o universo do autor original e a quais grupos sociais representativos ela será dirigida, pois como corrobora Eco (2011, p. 197), “[...] os casos de domesticação são indispensáveis justamente porque se deve tornar o texto consoante com o gênio da língua de destino.” Por essa razão, podemos dizer que, em boa parte das situações tradutórias, é muito difícil que haja uma tradução sem domesticação, e é através dessa que valores de determinados grupos sociais são promovidos em detrimento de outros.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.

BROWN, Roger; FORD, Marguerite. Address in American English. *Journal of abnormal and social psychology*, v. 62, n. 2, p. 375-385, 1961.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Totalmente revista e ampliada. RJ: Nova Fronteira, 1999.

HOLTGRAVES, Thomas M. *Language as social action: social psychology and language use*. Mahwah, New Jersey; London: Lawrence Erlbaum, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

KRAMSCH, Claire. *Language and culture*. New York: Oxford University Press, 2001.

MULLIGAN, Erin R. Paternalism and the Southern hierarchy: how slavery defined antebellum Southern women. *Armstrong undergraduate journal of History*, v. 2, n. 2, 2012.

TWAIN, Mark. *The adventures of Tom Sawyer*. London: Penguin, 1994. [1876]. (Penguin Popular Classics series).

_____. *Aventuras de Tom Sawyer*. Tradução de Monteiro Lobato. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972 [1934].

_____. _____. Tradução de Jean Melville. Ed. revisada e com nova diagramação em uma coluna. São Paulo: Martin Claret, 2000.

_____. _____. Tradução de William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2002. Coleção L&PM Pocket, v. 276.

VENUTI, Lawrence. A tradução e a formação de identidades culturais. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 173-200.

Recebido em: 03/08/2014

Aceito em: 30/08/2014